



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-145

Entrevistado: Alexandre Carriconde Marques

Nascimento: 04/07/1959

Local da entrevista: ESEF/UFPEL – Pelotas/RS

Entrevistadora: Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 27/07/2010

Transcrição: Grasiela Alves de Castro

Conferência Fidelidade: Luciane Silveira Soares

Copidesque: Luciane Silveira Soares

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 23 minutos e 39 segundos

Páginas Digitadas: 10

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02156/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MARQUES, Alexandre Carriconde. *Alexandre Marques (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (capacitador); envolvimento com projetos especiais; coordenação de equipe colaboradora; capacitação; estruturação do PST; pontos positivos e limites do Programa: oportunidades, distribuição do reforço alimentar; contribuição do PST para inclusão social; importância na preservação da memória do Programa.

L.S – Como tu conhecestes o Programa Segundo Tempo?

A.M – Bom o Programa Segundo Tempo eu já tinha ouvido falar, em relação ao Ministério do Esporte, mas efetivamente para trabalhar, auxiliar junto ao Programa Segundo Tempo foi no final de 2007, fui convidado pelo professor Ricardo¹ a fazer parte da equipe de formação de capacitadores. Então, a partir de lá, eu me engajei nessa equipe de formação, e, de lá para cá, eu tenho trabalhado como capacitador... E e o ano passado, em 2009, quando foram criadas as equipes de colaboradores... Eu coordeno a equipe colaboradora do Rio Grande do Sul, então, esse é o meu movimento inicial e, no decorrer desse tempo, eu fui convidado para discutir, desenvolver um projeto de ação, relacionado com os programas especiais, especificamente um projeto do núcleo especial, para crianças com deficiência. Esse núcleo ele visa um atendimento, dar oportunidades maiores para crianças e jovens com deficiência, tendo também no núcleo com crianças sem deficiência, para não ir de encontro ao próprio processo. Então, de lá para cá, nós desenvolvemos aqui em Pelotas² no início de 2009, esse núcleo aqui, que é um núcleo piloto especial, que desenvolve atividades com crianças e jovens, com e sem deficiência.

L.S – Esse é o teu vínculo com o Programa Segundo Tempo, o projeto especial ao qual tu estás vinculado é esse?

A.M – Eu lido com o Segundo Tempo, além de coordenar esse projeto, eu coordeno ainda a equipe colaboradora número dezoito, que é a equipe que faz a avaliação, o acompanhamento, dos convênios que estão situados no Rio Grande do Sul.

L.S – Assim o teu vínculo é estadual?

A.M – O meu vínculo é estadual.

L.S – E tu conheces o Segundo Tempo desde o início, todos os desdobramentos, todo em nível nacional?

¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

A.M – Eu conheci efetivamente o Segundo Tempo a partir de 2007, quando o Segundo Tempo ele começou a se modificar, em relação ao seu início, uma preocupação maior com a avaliação pedagógica. Então, a partir de 2007 eu fui convidado... Que eu conheço um pouco melhor o Segundo Tempo, conheço alguma coisa do que foi desenvolvido antes, como era feito o Segundo Tempo, e não mudou muito, na verdade ele recebeu um grupo de profissionais, vamos dizer assim, ele se alinhou mais com as universidades, dentro dessa avaliação com o contexto pedagógico, a partir daí eu passei a ter um envolvimento maior com o Segundo Tempo.

L.C – E tu tivesse esse envolvimento por estar nessa época fazendo o doutorado³?

A.M – É muito facilitou porque eu já conhecia o Ricardo antes, mais não tinha um vínculo, então talvez, ele viu a minha forma de trabalhar, meu envolvimento, mesmo quando eu estava lá fazendo o doutorado, eu desenvolvi e ajudei em vários projetos, que não tinham a ver com o meu doutorado, mas sim com a UFRGS⁴ em função de ter uma relação com o Ricardo, com o Adroaldo⁵, de poder organizar dois congressos, três congressos, na verdade, durante esse período que eu estava lá, me engajei bastante nessa relação de doutorando, aluno da instituição, retribuindo para instituição, de certa forma, aquilo que a instituição me proporcionou.

L.C – E tu sempre tiveste relação com esse eixo especial?

A.M – Desde que eu fui para lá, desde que entrei na minha universidade, eu entrei numa parte diferenciada: eu entrei num concurso para natação e esporte coletivo, que era onde eu trabalhava. Então deficiente, para mim, era o que eu conhecia da rua. Logo em seguida, uns três meses, eu tive contato com as mães de uma escola para cegos, que não digo por acaso; eu estava na sala do diretor, elas foram pedir um projeto para as crianças, eu não sei por que, eu não me lembro, eu estava ali... E, quem sabe, um projetinho de natação, e de l  para cá eu não me vejo mais sem trabalhar nessa área com pessoas com deficiência. Com meu mestrado, doutorado, grupo de estudo, com as disciplinas que eu desenvolvo aqui,

³ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Adroaldo Cezar Araújo Gaya. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estão sempre voltadas para esse público, não só de deficientes, mas com crianças com necessidade especiais, então, a gente trabalha com crianças obesas, diabetes, cardiopatas, hipertensas, mas o meu vínculo com crianças que tenha algum tipo de deficiência é muito grande, o meu tema de doutorado, tema de mestrado, está todo ele relacionado nessa área de atuação.

L.C – E tu fizeste uma capacitação do programa Segundo Tempo?

A.M – Quando eu fui à primeira reunião, nós fomos capacitados, porque o Programa ele funciona da seguinte forma: eles programaram um rol de textos, de temas, são nove ou dez temas da primeira vez que foi, e nós fomos capacitados para o entendimento desses temas ai, e depois fomos convidados a capacitar os coordenadores de núcleos, cada um escolhendo um ou dois temas, basicamente eu estava trabalhando que na época era gênero e deficiência, era o nome do tema, era o título do tema. Depois, no segundo ano, a gente fez uma nova capacitação, desenvolvemos o texto, ai eu produzi um texto junto com a professora Rute⁶, e a professora do Amazonas, a Cátia⁷, mais relacionado com os deficientes, ai nos dividimos o tema, daí quando a Silvana⁸ foi convidada, e a Silvana desenvolveu especificamente de gênero, daí a partir dali eu fui capacitado naquela primeira.

L.C – E a tua capacitação foi em Porto Alegre?

A.M – Foi em Maringá⁹, foi uma capacitação geral que convidaram todo mundo.

L.C – Que ano que foi?

A.M – Isso foi início de 2008, então dali nós passamos a capacitar todo o Brasil praticamente naquele ano, foram quinze ou dezesseis capacitações que eu participei, como a gente brinca do Oiapoque ao Chuí, eu fui a Fortaleza, fui a Teresina, fui ao Rio Grande do Norte, Belo Horizonte, Porto Alegre, depois no outro ano nós fizemos diferenciadas, ai

⁶ Ruth Eugênia Cidade. Universidade Federal do Paraná.

⁷ Kátia Augusta Thomé Lopez. Universidade Federal do Amazonas.

⁸ Silvana Vilodre Goellner. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹ Cidade do Estado do Paraná.

foram criadas as equipes colaboradoras, em praticamente quase todos os estados, então nós ficamos responsáveis pela capacitação dos convênios do Rio Grande do Sul. Esporadicamente, as vezes, faltava alguém de um tema, a gente ia capacitar, ou a gente trazia alguém de um tema que a gente não tinha, então passou a funcionar; hoje continua sendo assim, mas participamos efetivamente das capacitações dos núcleos e convênios do nosso estado.

L.C – De que forma que se deu este processo de capacitação, que avaliação que tu fazes desta tua capacitação em relação o que é hoje?

A.M – A eu acho que evoluiu muito, evolui bastante, o atendimento, essa preocupação com questão pedagógica, ela passou a ser muito importante, então, a partir do momento em que nós professores das universidades, começamos a entrar nesse contexto mais pedagógico, acho que deu um *plus* a mais ao programa Segundo Tempo, porque até então as avaliações, pelo que eu sei, elas eram muito técnicas na questão do convênio. Então o convênio é assim, a partir do momento que nós fomos capacitados e passamos a ser multiplicadores capacitando os outros, então são vários professores, hoje são mais de duzentas pessoas nessas equipes de colaboradores, quase todos ligados a universidade, seja professor, ou aluno de pós graduação, mestrado, ou doutorado, então acho que essa questão pedagógica ela ajudou muito aos coordenadores de núcleo, e principalmente aos monitores, a planejarem e desenvolverem as atividades, na atuação com as crianças nos núcleos propriamente ditos. Acho que houve uma evolução muito grande, positiva, muito grande, porque a nossa área basicamente nós avaliamos é o pedagógico, mesmo que muita vezes a gente veja algumas coisas que são administrativas, isso a gente faz, mas o nosso foco é avaliar o processo pedagógico. É avaliar os planos de trabalho, é avaliar o conhecimento, é tentar discutir o conhecimento, verificar *in loco* como os núcleos estão acontecendo, se as crianças realmente estão aproveitando, se os professores estão dando continuidade àquilo que eles mesmos planejaram, e a gente avaliou, então acho que nesse sentido o Programa ele cresceu bastante.

L.S – E como tu vê essa estruturação do Programa Segundo Tempo? De ter os eixos temáticos, de terem os núcleos, os pólos, de uma forma geral essa estruturação que hoje tem o Segundo Tempo na tua visão.

A.M – Eu acho que essa estrutura ela funciona, o nosso problema, não sei se é problema, o Brasil é muito grande, as diferenças culturais são muito grandes... No primeiro ano aqui, por exemplo, eu trabalhei com capacitações, eu dei capacitações no Piauí, no Ceará, e em Pernambuco tinha coisas que eu falava lá, que eu não podia falar aqui; não podia no sentido, assim, que as pessoas não iam nem saber o que era, e vice-versa, palavras, nomes, realidades culturais, mesmo trabalhando com situações de risco, muitas vezes lá, problemas maiores que aqui, e vice-versa, dependendo onde a gente está. Então, a diversidade cultural é muito grande, agora para nós... Quem soube aproveitar, foi um ganho pessoal e profissional - como a gente brinca que não tem preço! Acho que nesse sentido, tanto acho que nós contribuimos bastante, para essa estrutura de convênios e núcleos, para formação dessas pessoas que estão trabalhando lá, como também a gente cresceu bastante em termos pessoais e profissionais tendo essa oportunidade aqui com o Ministério¹⁰, que o Programa Segundo Tempo também nos deu para que a gente pudesse conhecer essa diversidade cultural desse país tão grande.

L.S – E o que tu destacarias como pontos positivos do programa Segundo Tempo?

A.M – Olha em primeiro lugar eu acho assim: é a oportunidade dessas crianças - vamos começar na base - a oportunidade dessas crianças terem uma condição da prática esportiva, e dessa prática esportiva educacional. E aí eu posso dar um exemplo dos nossos aqui, tu tiveste a oportunidade de ver, e tu viu, se eles não estão aqui, eles estão em casa, sem fazer nada, desvalorizados, porque a própria deficiência ela já é uma forma de preconceito. Durante muito tempo se olhou a deficiência pela deficiência, então tu és deficiente tu não pode fazer, hoje não, a gente olha a criança, o jovem com a deficiência, em função do potencial que ele tem para desenvolver. Em cima disso que a gente está tentando trabalhar, então, esse foco que o Segundo Tempo tem... Essa oportunidade de dar para essas crianças, de facilitar, de favorecer no bom sentido, um ambiente para essa prática esportiva e educacional; no segundo ponto, acho também essa oportunidade de trabalho, é um número muito grande de profissionais da Educação Física, são mais de cinco mil professores de educação física hoje atuando no Programa Segundo Tempo, são mais de dez mil monitores, a grande maioria da área da Educação Física também, que estão tendo essa condição de trabalhar num ambiente concreto de ensino e aprendizagem, aquilo

¹⁰ Ministério do Esporte.

que eles vão enfrentar mais para adiante, que é a prática. Então acho que nesse contexto, assim, eu acho que é um dos pontos positivos, que é dar a oportunidade... Eu sempre brinco com os alunos, que para mim são duas palavras que são mágicas, que é oportunidade, e atitude. Se as pessoas tiverem a oportunidade, é uma forma delas poderem se desenvolver enquanto profissionais temos atitudes para fazer com que isso aconteça; nós estamos aqui num período de férias, podíamos estar todos em casa, mas estamos aqui muito felizes, porque estamos oportunizando para essas crianças, alguma coisa de diferente. Planejamos durante um mês uma semana diferenciada¹¹, com atividades multiculturais, atividades de esportes e de teatro, de lazer, de jogos e de passeios, coisas que muitas delas não teriam condições financeiras nem de fazer, de ir ao Rio Grande que fica cinquenta quilômetros daqui visitar o Museu Ocenográfico¹². Acho que isso o Programa permite, isso o Programa nos facilita, o nosso trabalho, isso são pontos positivos, dar essa oportunidade, dar essa condição de desenvolvimento para essas crianças, e conseqüentemente, para esses profissionais que estão trabalhando com isso.

L.S – E tu que considerarias limites, que limitações que tu acha que o Programa ainda tem?

A.M – Eu acho que o Programa ainda tem algumas limitações quando ele permite, isso na minha visão de coordenador, de colaborador, quando ele permite assim, núcleos, melhor dizendo convênios muito grandes, e principalmente, convênios que existem em vários estados... O mesmo convênio, convênios nacionais, precisam ter um foco um pouquinho mais direcionado porque, muita vezes, a gente acaba perdendo o controle dessa avaliação, principalmente na relação com o reforço alimentar, porque para o leite, por norma esse reforço só pode ser comprado uma vez num determinado lugar, e distribuído para todo país... Então, esse reforço as vezes ele não chega como reforço alimentar de qualidade, as vezes é uma bolacha, uma rapadura, é um suco que não vem, outros que não conseguem fornecer, então eu acho que para convênios muito grandes tem sido uma limitação bem grande para essa questão da distribuição do reforço alimentar.

L.S – E é tu que fazes o pedido, por exemplo?

¹¹ Referência a edição de julho de 2010 do Projeto Recreio nas Férias.

A.M – Não, cada convênio faz o seu pedido, nós vamos lá e verificamos se eles realmente estão entregando essa alimentação para as crianças, e muitas vezes, quando o convênio é muito grande, então, esse alimento tem que ser um alimento não perecível. Diferente do nosso ,que somos só nós, que quem ganhou a distribuição foi o pessoal que trabalha aqui na universidade¹³... O lanche é sempre um lanche fresco, feito no dia, com fruta, com sanduíche, com suco, com iogurte. Precisa ver alguma forma de tentar sanar isso, porque alguns convênios que a gente tem, grandes, que a gente avalia, a gente tem visto que tem sido um problema, porque o de resto é como a gente falou antes, o Brasil é muito grande, acredito que o Ministério, a equipe gestora, ela tem a dificuldade em função da grandiosidade hoje desse Programa, o quanto ele evoluiu, o quanto ele avançou, para administrar, mas assim um pouco do geral é um programa que vem dando certo.

L.S – E tu achas que ele atende aos requisitos da inclusão social, tu achas que ele realmente contribui para inclusão social?

A.M – Eu acho que ele realmente contribui, talvez eu não poderia te dizer que ele retribui, que ele consegue trabalhar cem por cento nisso, mas acho que cem por cento não se consegue em quase nada, para o que se propõe o Programa Segundo Tempo, ele atende realmente essa parcela. Agora vai diferenciar porque pessoas são pessoas, o projeto pode ser lindo e maravilhoso vai depender de quem vai atuar, quando são dois já há divergências, quando são cinco mil, seis mil...

L.S – Então de uma forma geral tu achas que o Programa Segundo Tempo atinge os objetivos que ele se propõe?

A.M – Acho que sim, e eu te digo isso, porque eu fui a quinze ou dezesseis estados, vi vários núcleos, falei com centenas de pessoas, cada capacitação dessas, a gente capacitava cem, duzentas pessoas, e eu acho que as pessoas acreditam nisso. Tem problemas? Claro que tem problemas, mas eu acho que os aspectos positivos, eles hoje são maiores se a gente for fazer uma avaliação melhor.

¹² O Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, vinculado a Universidade Federal de Rio Grande.

L.S – E tu tens condições de fazer, porque tu tens contatos com todos os núcleos.

A.M – E eu sou muito positivo nesse sentido, eu acho que se o Programa tem algumas coisas que são negativas elas podem ser consertadas, arrumadas, modificadas, é do que se ele não tivesse. Eu acho que ele atinge mais positivamente um número muito grande de pessoas, tanto crianças, quanto monitores, quanto profissionais, quanto gestores, do que se eu for pensar de uma forma negativa... Não posso por um problema no dedo, eu arranco o braço inteiro, então eu vejo bem positivo.

L.S – E a tua equipe aqui está composta por quantas pessoas?

A.M – Bom aqui no núcleo nós somos: um professor coordenador geral, uma professora que é coordenadora do núcleo e oito alunos bolsistas, sendo que desses oito, um é de atividades complementares, três de pesquisas, e quatro que são das atividades esportivas. Mas como a gente tem visto, assim, que a gente precisa de mais gente; nós temos mais cinco monitores, alunos da faculdade, que são monitores voluntários, então, eles trabalham porque acharam que é importante, porque sentem que isso é importante na sua formação enquanto profissional e, obviamente, como pessoa.

L.S – E quantas crianças vêm sendo atendidas aqui?

A.M – Cem crianças, o nosso núcleo é de cem crianças, nós temos cento e quatorze, cento e quinze crianças cadastradas, atendendo semanalmente em torno de oitenta, noventa, porque, às vezes, chove e faz frio, então, na média de atendimento é entre setenta e cinco, noventa.

L.S – E o limite seria quanto?

A.M – Cem, nosso núcleo é previsto para cem crianças. Antes, até 2009, eram previstos núcleos de duzentas crianças, daí se viu que havia uma evasão, então hoje os núcleos novos, todos independentemente nesse núcleo piloto, como nos núcleos padrões, o núcleo padrão são de cem crianças cada núcleo, sendo que cada convênio pode ter mais de um

¹³ Universidade Federal de Pelotas.

núcleo, tem convênios que tem duzentos núcleos, com trezentos núcleos, tem convênios estaduais.

L.C – Bom o nosso projeto é de preservação sobre a memória do Segundo Tempo, então através desses depoimentos é uma forma de preservação da memória, porque daqui por exemplo, dez, vinte anos, talvez estejam diferente as situações, tu achas importante isso, porque tu achas importante a preservação da memória do Programa Segundo Tempo ?

A.M – Eu acho muito importante, as coisas precisam ser registradas, as pessoas precisam ver daqui a quinze, vinte anos, que existiu um Programa como esse, ou que daqui a quinze, vinte, esse Programa que começou lá em 2003 ele ainda existe... E que tenha propiciado por maior número de crianças em torno de professores e de gestores, uma condição de desenvolver através do esporte, valores que sejam levados para vida, de respeito de fraternidade, de companheirismo de amizade, seja lá o que a gente quiser trabalhar... Acho que a memória - a gente tem um núcleo de memória, não tão grande quanto o da UFRGS¹⁴ - o professor Rigo¹⁵, que desenvolve isso, eu acho muito importante isso, eu gosto muito, eu sou suspeito, eu gosto muito de história, e a história tem uma relação muito grande com a memória, eu acho bacana tu olhar a foto, *poxa antes era assim*, eu acho que isso fique registrado, essa tentativa, a gente está num processo de formação do atendimento da pessoa com a deficiência...

L.S – Sim, com o país inteiro.

A.M – Então aqui para nós foi o primeiro núcleo do Segundo Tempo, relacionado com a criança com deficiência, que se preocupou um pouquinho mais, então, acho que essa memória, esse registro, para nós também vai ser interessante, para nossa universidade, para nossa Escola de Educação Física, para essas crianças que participaram para esses alunos, daqui a quinze, vinte anos, daqui um pouco estão passando pela UFRGS, *olha aqui a gente lá*, então eu acho muito interessante.

¹⁴ Referindo-se ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS.

¹⁵ Luiz Carlos Rigo. Universidade Federal de Pelotas.

L.S - Teria algum material, por exemplo, que foi produzido nesse tempo que tu coordenas o projeto aqui que tu pudesse emprestar para o Centro de Memória, para que pudesse fazer parte desse registro, não precisa ser agora também, alguma coisa?

A.M – Agente tem fotografias, vários materiais que foram feitos para monitoras de artes, o que mais a gente tem é registros fotográficos que a gente fez, e obviamente, a gente todo o planejamento, todas as aulas, tudo registrado. Se tu me disser *qual foi a aula que vocês deram dia 20 de maio do ano passado, agora eu quero ver que aula vocês vão dar no dia 25 de agosto*, a aula já está pronta porque a gente faz o planejamento sempre com dois meses de antecedência, obviamente num plano flexível para alguma mudança, mas a gente tem esse acompanhamento, eu acho que isso é também é interessante, eu acho que isso é um registro interessante, do que se fez e de como se fez.

L.S – Provavelmente vai servir a pesquisas futuras para outros núcleos que queiram trabalha a questão.

A.M – Se foi bem feito, ou que foi mal feito, quem sabe daqui uns anos não se faça mais como se faz agora, mas acho que ter um registro de como se fez, acho que esse material no final pode ser todo entregue, doado para vocês sem problema nenhum, além que a gente deve ter mais de três ou quatro mil fotos, desde primeiro dia que a gente veio, com a máquina digital, aperta o dedo no gatilho depois tu *deleta*, então acho que nesse sentido, acho que tem alguma coisa que a gente pode estar repassando para você.

L.S – Bom de minha parte eu te agradeço essa disponibilidade, realmente eu pude observar de que forma funciona aqui, os monitores todo mundo muito bem engajado na proposta do que a gente sabe o que é o projeto Recreio nas Férias. Então eu te agradeço e fico no aguardo desses materiais e futuramente a gente volta a conversar.

A.M – Com certeza, muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]